

Lição 17: A duração e a mudança dos rios

131. Após mostrar a causa da geração dos rios, o Filósofo aqui determina sobre sua duração. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta sua própria opinião [129] e diz que as mesmas partes da terra nem sempre estão úmidas ou secas, mas variam conforme os rios se formam ou decaem. Como resultado, ocorrem mudanças que afetam a terra, de modo que o que hoje é seco, mais tarde se torna mar e vice-versa; e o mar ou a terra seca nem sempre estão presentes na mesma parte da terra. Mas isso ocorre, não por acaso, mas segundo uma certa ordem e segundo um certo movimento de rotação dos céus, assim como todas as mudanças que ocorrem nestas regiões inferiores são reguladas de acordo com o movimento do céu.

132. Em segundo lugar [130], ele explica o que disse. Sobre isso ele faz duas coisas: Primeiro, atribui uma causa ao que foi dito, em 132; Em segundo lugar, rejeita uma causa defendida por outros, em 134.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro, atribui a causa da transmutação acima mencionada, em 132; Em segundo lugar, explica por que tais transmutações passam despercebidas, em 133.

Diz, portanto, primeiramente [130], que a causa e a fonte da transmutação mencionada é que a energia da terra tem seu próprio tipo de parada e envelhecimento, assim como os corpos dos animais e das plantas. Mas há esta diferença: animais e plantas sofrem uma parada e envelhecimento, não sucessivamente em relação a diferentes partes, mas todos de uma vez em relação ao todo, enquanto, na terra, essa mudança ocorre parte por parte, dependendo da influência do calor e do frio — pois uma parte aumenta em calor ou frio, enquanto outra diminui, dependendo do curso do sol e de outros ciclos dos corpos celestes.

Portanto, dependendo de sua posição diferente quanto aos aspectos em relação ao sol e às estrelas, as partes da terra recebem poder diverso. Como resultado, algumas partes da terra podem continuar sendo úmidas e aquosas por um longo tempo, de acordo com um período definido — e isso é, por assim dizer, sua juventude ou estado pleno; mais tarde, elas secam e existem no que é para a terra a velhice, que naturalmente é acompanhada de secura, devido à ausência de umidade. Enquanto essas porções da terra estão secando, outras regiões da terra estão sendo vivificadas e se tornam, em parte, aquosas. Isso é indicado pelo fato de que, na primavera do ano, todas as coisas se tornam, por assim dizer, jovens novamente pela umidade; mas no inverno, as mesmas coisas envelhecem devido à secura excessiva. Além disso, na primavera, nossa parte da terra está viva, enquanto em outros lugares tudo já está seco. Disso fica

claro que a velhice e a juventude não afetam a terra como um todo (como os animais e as plantas são afetados), mas uma parte de cada vez.

De acordo com isso, portanto, em certas áreas da terra, as nascentes que assim secam deixam de funcionar. Como resultado, rios que outrora foram grandes tornam-se pequenos e, finalmente, secam completamente; porque as nascentes de onde se originaram estão secas. Assim, em uma parte da terra agora envelhecida, as nascentes estão secas, mas em outra parte que se tornou aquosa, um número correspondente de novas nascentes e rios surge. Portanto, por causa dessas mudanças que afetam os cursos d'água, de modo que em uma porção da terra eles perecem e em outra porção novos surgem, o mar também muda como consequência. Uma vez que os rios secam, o mar recua e a terra seca aparece onde o mar estava outrora inchado pela enchente dos rios. Mas onde o mar foi seco por acréscimos de terra depositados pelos rios, ele novamente fica submerso quando uma quantidade de água se acumula.

133. Em segundo lugar [131], ele explica por que essas transmutações passam despercebidas e diz que essas transmutações do mar e da terra seca nos escapam, porque toda mudança natural ocorre não de uma só vez, mas pouco a pouco — e as transmutações em questão, que afetam grandes setores da terra, ocorrem ao longo de longos períodos de tempo; e todas as nações morrem e passam antes que uma memória permaneça de tal mudança desde seu início até seu fim. Pois se os mesmos povos permanecessem sempre nas mesmas áreas da terra, alguma lembrança, mesmo das coisas mais antigas e das transmutações, poderia permanecer — mas quando um povo é destruído e um novo habita sua terra, nenhuma memória das antiguidades do primeiro permanece entre o segundo, muito menos entre o terceiro e o quarto.

Agora, os desaparecimentos das nações mais próximas aos nossos tempos são causados por guerras, mas alguns também por doenças e epidemias, e alguns por esterilidade: dessas destruições, algumas ocorrem de uma só vez em grande escala, e outras gradualmente. Além disso, as migrações de povos de um lugar para outro passam despercebidas, porque alguns abandonam uma região desde o início porque a terra está se tornando estéril ou fraca, ou por causa de guerras; enquanto outros permanecem enquanto podem encontrar sustento ali. Portanto, o tempo entre a primeira partida e a última é às vezes longo, e não há memória da primeira migração, mesmo que os homens não morram, mas migrem. E como é com o abandono de terras, assim é com seu povoamento: por causa da duração do tempo, não há registro de quando e por quais raças a terra começou a ser povoada e quando foi primeiro transformada de pântano em terra seca e tornada habitável — isso ocorrendo pouco a pouco e ao longo de longos períodos de tempo. E ele dá o exemplo do Egito, cuja terra foi gradualmente drenada, como que pelo rio. Ele menciona também outras terras que foram transmutadas e drenadas da umidade, e vice-versa, como está claro no texto.

134. Em seguida [132], ele rejeita uma explicação que alguns sugeriram. Sobre isso, ele faz três coisas: primeiro, rejeita a explicação falsa e diz que alguns, ao observar algo pequeno, querem fazer um julgamento sobre todo o céu: pois pensam que a causa de tal transmutação é que o mundo inteiro está mudando, no sentido de que o céu e o mundo estão sendo recém-formados. Eles dizem que o mar está diminuindo, porque começou a ser seco pelo sol desde o início: é por isso que muitos lugares antes úmidos agora estão secos. Mas isso é em parte verdadeiro, em parte não. Pois é verdade que certos lugares antes cobertos por água agora estão secos; mas o oposto

também é verdadeiro, porque em alguns lugares o mar invadiu áreas que antes eram terra firme. Mas é falso que a causa dessa mudança seja devida a uma geração da terra. Pois é ridículo postular transmutações no todo por causa de transmutações em pequenas áreas. Além disso, o tamanho da terra é quase nada comparado ao céu como um todo, pois assume o status de um ponto.

135. Em segundo lugar [133], ele reafirma a causa verdadeira e diz que a verdadeira causa dessas transmutações é esta: assim como um ano é dividido por diferentes estações, a saber, inverno, verão e as estações costumeiras, também um certo grande ciclo é dividido, segundo sequências estabelecidas, por um grande inverno, no qual há excesso de tempestades, e um grande verão, no qual há secura excessiva; mas não no sentido de que esses grandes excessos de tempestades e secura ocorram ao mesmo tempo sobre toda a terra ou sempre sobre as mesmas regiões: eles ocorrem em regiões diferentes. E ele dá o exemplo do dilúvio em uma região definida da Grécia na época de Deucalião.

136. Em terceiro lugar [134], a partir do que foi dito, ele atribui uma causa por que os rios duram e diz que, quando tempestades excessivas ocorrem em alguma região, a terra é saturada com umidade suficiente para gerar rios por muito tempo. Este é um detalhe comum a várias explicações: seja a perpetuidade dos rios explicada por grandes profundezas subterrâneas contendo muita água, como afirmam alguns, conforme citado anteriormente; seja, de acordo com nossa própria opinião já dada, a causa de sua perpetuidade é o tamanho, a espessura e a frieza das montanhas, pelas quais podem receber e conter vastos depósitos de água, bem como gerá-la. Mas aqueles lugares onde a substância das montanhas é pequena e não são muito altas, ou onde são, por assim dizer, porosas, de modo que a umidade não pode ser preservada nelas, e são rochosas, de modo a não serem capazes de receber água, e são argilosas, de modo a não serem capazes de gerá-la, em tais lugares, eu digo, o fluxo dos rios diminui até que a região se torne úmida novamente. Portanto, deve-se acreditar que, em quaisquer lugares onde uma abundância de água cai durante um grande inverno, a umidade de tais lugares será mais "perpétua", ou seja, duradoura. No entanto, com o passar do tempo, tais lugares secam e alguns se tornam menos úmidos até o retorno novamente daquele período em que há excesso de chuva.

E assim ele conclui finalmente que, uma vez que a mudança deve ocorrer em todo o universo (mas não no sentido de que o todo vem a ser e é destruído), se o mundo como um todo é perpétuo, então é necessário, como foi dito, que os mesmos lugares não sejam para sempre úmidos, por causa do mar ou dos rios, ou secos também — mas lugares que antes eram úmidos tornam-se secos e vice-versa.

137. Em seguida [135], ele manifesta o que disse com exemplos. Sobre isso, ele faz três coisas: Primeiro, dá três exemplos, o primeiro dos quais diz respeito à terra do Egito, que se encontra abaixo do mar circundante; por essa razão, certos de seus reis foram impedidos de ligar os dois mares, quando viram que isso destruiria o fluxo da água do rio.

O segundo exemplo diz respeito ao Lago Maeotis [Mar de Azov], no qual o fluxo do rio produz tanto lodo que, em seu tempo, só podia suportar barcos muito menores do que 60 anos antes.

O terceiro exemplo diz respeito ao Bósforo, que divide a Europa da Ásia. Este estreito é encontrado menor, e sempre tendendo a estreitar, pela mesma razão.

138. Em segundo lugar [136], ele tira a conclusão que era principalmente pretendida e diz que, uma vez que não há fim para o tempo e que todo o universo é eterno (de acordo com sua opinião apresentada na *Física* e em *Sobre o Céu*), segue-se que nem o Tanais [Don] nem o Nilo, que são rios muito grandes, sempre fluíram, mas o lugar de onde fluem já foi seco: porque sua "obra", ou seja, seu fluxo, tem um limite. O mesmo é verdade para outros rios. E se isso é verdade para os rios, também deve ser verdade para o mar no qual os rios fluem: é por isso que, em diferentes épocas, o mar e a terra firme são invertidos.

No entanto, sua suposição de que o mundo e o tempo são eternos é errônea e oposta à fé; nem os argumentos usados para apoiar essas suposições são demonstrações, como foi mostrado em outro lugar.

Em terceiro lugar [137], ele resume o que disse, e o texto está claro.

Revision #2

Created 3 October 2026 23:21:58 by Admin

Updated 4 October 2026 19:01:42 by Admin